

A INSUSTENTÁVEL LEVEZA DE SER

por

Luísa Venturini*

Resumo: Um comentário despretenso e pessoal ao *light* que inunda o nosso quotidiano, inseridos como estamos numa sociedade que, enquanto organismo vivo, não tem tido a capacidade de se adaptar aos cenários que ela própria cria e é forçada a correr no seu encaicho, abdicando de conjuntos de referências, sem ter tempo para substituí-los. A leveza da cultura e a cultura da leveza serão apenas a consequência imediata de toda esta velocidade em que decorrem as mudanças e a forma que temos de conviver com elas. Mas poderá o ser conviver com esta insustentável leveza?

Palavas-chave: Cultura; valores; sociedade.

Abstract: A personal comment to the *lightness* flooding our daily life, as from the perspective of individuals integrating a society, which, as a living body, has not developed the capability to adapt to the scenarios it itself brings about. Therefore, forced to run after them, we are leaving behind a number of values without affording the time to build in other references. The lightness of culture and/or the cult of lightness will just be the immediate consequences of the accelerate pace of changes and our way to cope with them. Notwithstanding, will it be possible for the being be able to live in such an unbearable lightness?

Key-words: Culture; values; society.

Como pessoa comum, tenho de confessar que perante os desafios colocados pelos vários tópicos sugeridos para esta mesa-redonda, senti várias tentações, muitas hesitações e uma imensa pequenez.

Apesar de tudo isso, decidi fruir do benefício da oportunidade para partilhar alguns pensamentos que, certamente, andam a povoar a mente de tanta gente comum como eu, para quem não se materializou o momento de poder fazê-lo.

E por esta possibilidade, muito agradeço ao Prof. Dr. Vítor Oliveira Jorge e à sua Faculdade.

* Tradutora e divulgadora de poesia.

Na tentativa de encontrar um fio condutor nesta meada, comecei por olhar – tão desapassionadamente quanto possível – o ambiente que nos rodeia e constatar como, ao longo das últimas décadas, os termos educação, instrução e formação passaram a significar praticamente o mesmo, isto é, acto ou efeito do ensino para um determinado fim, abdicando-se da interpretação das subtilezas que tais vocábulos conteriam.

Há muitos anos atrás era comum ouvir-se, “ah, que pessoa tão bem educada”, quando se reconhecia que alguém manifestamente era de fino trato, isto é, a sua atitude perante o outro reflectia um conjunto de valores morais, geralmente transmitidos pela instituição familiar ou outra que a representasse.

Também se ouvia “que era pessoa muito instruída”, isto é, que detinha muitos conhecimentos, conhecimentos estes que lhe teriam sido transmitidos pelas escolas, pelas universidades.

E “que os meninos já estavam formados”, portanto já tinham aprendido nas várias instituições dos vários graus e tipos de ensino os conhecimentos específicos para o exercício de uma função ou profissão.

E também acontecia que a pessoa educada, instruída ou formada fosse culta, isto é, não só conhecesse como ainda fosse capaz da análise crítica do mundo que a rodeava, o que pressupunha a continuada alimentação da curiosidade intelectual, o tempo e a capacidade financeira para a recolha dos conhecimentos onde eles se encontrassem, o tempo e as condições para a sua assimilação e o tempo e as condições para ulterior reflexão e criatividade.

Mas obviamente que dadas as circunstâncias sociais e económicas desses tempos, só uma fatia muito restrita da população tinha o acesso às oportunidades de educação, instrução e formação e ainda mais restrita seria a fatia das pessoas, de facto, cultas, já que a grande maioria estava demasiado ocupada a tentar ganhar o seu magro sustento desde a mais tenra idade e a alfabetização (não falemos em nada mais sofisticado) era privilégio de minorias.

De facto, diz-nos a história que o homem tem sempre aguçado o seu engenho buscando formas de fazer mais e melhor em menos tempo e com menos esforço.

O séc. XX trouxe alterações profundas no âmbito político, económico e social e na extraordinária progressão geométrica em que se têm desenrolado as descobertas científicas e os avanços tecnológicos.

Entre as muitas alterações, encontram-se os benefícios do acesso aos conhecimentos para quantidades massivas da população, a emergência de novas galáxias de áreas de estudo, o dealbar da meritocracia, o encurtamento das distâncias, a vulgarização da mobilidade, a fractura de muralhas classistas.

Isto é, a sociedade tem um acesso cada vez maior, mais fácil e mais rápido à informação e aos conhecimentos, que, por sua vez, também aumentam, elevados a

potências a cada vez maiores e a um ritmo cada vez menos possível de interiorizar.

Por isso, a sensação que temos é que a sociedade, enquanto organismo vivo, não tem tido a capacidade de se adaptar aos cenários que ela própria cria e é forçada a correr no seu encaço, abdicando de conjuntos de referências sem ter tempo para substituí-los.

De facto, tudo sucede a um tal ritmo, que nem as sociedades nem as instituições conseguem acompanhá-lo.

Os sistemas e métodos educativos formais não têm conseguido reformular-se em tempo útil para dotar eficazmente os cidadãos das competências exigidas no novo mercado de trabalho de modo a assegurar-lhes paridade competitiva; os sistemas de jurisprudência e as respectivas instituições enfrentam a realidade com ferramentas que, quando não obsoletas, foram criadas para assistir uma outra realidade; os protagonistas da administração política ignoram totalmente as funções pedagógicas e orientadoras pertinentes aos seus mandatos, que tão essenciais seriam para uma saudável evolução de mentalidades da população que os empossou em tais funções; as diversas escolas de pensamento religioso não raramente entram em estados de perplexidade, inibindo-se de ajudar os seus seguidores a conciliarem-se, neste conjunto de efémeros, com as noções de eterno que proselitizam; as famílias, tal como eram conhecidas tradicionalmente, desagregam-se dando lugar a novos tipos de família, sem, muitas vezes, conseguirem transferir, de um para outro conceito, a sua função intrinsecamente educadora e de primeira rede social; enfim... as grandes vîgas-mestras da sociedade encontram-se forçadas a confrontar-se com um abalo, não antecipado aquando da sua edificação. É tudo isto porque, sem a prática de uma atitude visionária, os seres que as gerem estão, também eles, perante a mesma estupefacção incapacitante.

Hoje em dia, basta à sociedade um gesto mínimo para ter acesso a todas as iguarias. Por outro lado, na sua voracidade, acirrada pela competitividade dos mercados e pela construção de novos estatutos de aceitabilidade social, omite-se vários direitos ou respostas a várias necessidades como, por exemplo, o reconhecimento dos seus patamares éticos e a filtragem, através destes, da avalanche de informação que recebe a todo o momento. A educação, a sua formação moral e cívica, foi relegada para um plano secundário e as bases do seu relacionamento com os outros e com o que a rodeia são cada vez mais determinadas não pela sua consciência mas sim por modismos, influências de tendências de mercado e legislação.

Estou em crer que aquilo a que chamamos de “cultura *light*” é apenas a consequência imediata de toda esta velocidade em que decorrem as mudanças e a forma que temos de conviver com elas, enquanto corremos na alucinada tentativa de não ficarmos para trás (resta saber de quê!) e de evitar o sofrimento que provavelmente, se parássemos para pensar, nos causaria entendermos como nos desenraizamos de

valores, tradições, usos e costumes que constituem, ainda, um alicerce da nossa identidade. Na impossibilidade de nos oferecermos o tempo para seleccionar, reter, reflectir e interiorizar, continuamos a vogar na superficialidade da espuma efémera que invade os nossos dias, emulando hoje o que ontem não existia e amanhã terá desaparecido, porque todos o fazem; modelando-nos à imagem que nos projectam e que pretendemos replicar, porque todos a aceitam; revendo-nos na fragilidade da solidão de todos, para, todos juntos, não nos julgarmos sós.

Consumimos e consumimo-nos rapidamente. Ao longo de uma vida, podemos atravessar quase todo o espectro da estrutura social. De abastado a sem abrigo, de feliz ou infeliz anónimo a celebridade. Basta que haja uma crise, uma lotaria, um concurso de televisão. Tudo é volátil. Substituímos as redes de segurança tradicionais, como a família, os amigos, colegas, companheiros, por redes de segurança institucionais – que só são redes e segurança de acordo com certos critérios, onde nem sequer sabemos se cabemos, na eventualidade de deles necessitarmos.

Porém, hoje, o que sinto é que, para estar inserido num determinado padrão que lhe permite o reconhecimento social, o indivíduo tem de estar minimamente apto a compilar informação numa qualquer memória RAM que o seu organismo lhe proporcione e a estar igualmente apto a desfazer-se dela para a substituir por outra já, já, já. A sua concentração na actualidade em constante mudança absorve-o e distrai-o, obviamente, da sua capacidade de selecção, retenção, reflexão e eventual interiorização. Inebriado com a espuma das ondas, vai-se desligando da sua consciência das águas profundas. Vítima do assolar constante da ondulação, é também nela que vai buscar paradoxalmente o seu escape.

E da leveza da cultura passamos para a cultura da leveza, num ginásio mental igualmente *light*. Consumimos, criamos e alimentamos o efeito rápido, a panaceia imediata. Desprovemos os símbolos da sua essência e passamos a validá-los como imagem. Geramos a notícia para ter notícia, consumimos a vida em directo para nos pouparmos de viver, glorificamos o imediatismo e à conta da superficialidade damos origem e albergue a quantos “ismos” muito frequentemente dizemos combater.

Nos meus tempos de menina era comum ouvir-se a citação “cultura é aquilo que fica quando esquecemos tudo o que aprendemos”. Como se automaticamente o espírito de cada um soubesse despojar-se do banal ou supérfluo para optar criticamente por reter o essencial e necessário ao seu crescimento. E isto parecia fazer sentido para as sociedades e para os indivíduos e para as suas respectivas inter-acções.

Falamos de cultura *light*. *Light*, como sinónimo de leve ou de ligeiro. Mas prefiro o significado de inócuo – isto é “ficamos todos exactamente na mesma depois disto”. “Não faz mal nem bem antes pelo contrário”. E assim sendo, claro que tenho de perguntar se estamos a falar de cultura, já que acredito, apesar da ambiguidade que o termo encerra, que cultura é mesmo aquilo que fica, que por ser seleccionado,

retido, reflectido e interiorizado passa a fazer parte da nossa estrutura característica: que é, melhor ou pior, enriquecido pelo nosso contributo; e que é legado.

No entanto, não estou tão fiada assim nessa leveza ou ligeireza, nessa inocuidade, porque acho que não ficamos todos na mesma. Creio que mais cedo ou mais tarde ficamos não só cansados mas com a consciência insustentável de um imenso vazio, de um desgaste inútil numa corrida que, de uma forma geral, não nos enriquece enquanto seres. Porque apesar de a estrutura dos nossos dias nos submeter a todas essas novas declinações de poder, domínio, subjugação e escravização a que chamamos conjunturas de mercado e globalização, e andarmos meio hipnotizados no afã de procurar uma certa qualidade de vida, apercebemo-nos mais ou menos lucidamente de que não podemos decepar-nos da nossa consciência de ser.

E é talvez por já estarmos tão cansados de fogos fátuos, de *trompe l'oeils* da consciência, que quando nos surge uma oportunidade, fugimos ao engodo puro dos consumismos, das globalizações e dos *lights* todos da vida, e somos capazes de lutar por um Timor Lorosae, somos capazes de não nos sentir embaraçados por manifestar candidamente o nosso patriotismo em situações tão pueris talvez como um campeonato de futebol, somos capazes de, com dois milhões de pobres e uma percentagem de desemprego que em face da nossa realidade socio-económica é só assustadora, pegarmos em metade do pão que temos na mesa e estendermos a mão ao outro lado do Índico, sem precisarmos de figuras respeitáveis a vender-nos a imagem do que, antes de qualquer imagem e de qualquer figura, a nossa consciência nos dita.

E é por isso que estou convencida que estes fenómenos *light* entre nós não serão mais do que uma consequência talvez inevitável do sistema global em que estamos inseridos, mas que, apesar dos contratempos que podem provocar – e provocam – ao nosso crescimento, não terão, por rápidos e *light* como é da sua natureza, a densidade que o tempo poderia conferir-lhes para causar demasiados estragos. Creio que a chamada “cultura *light*” que resulta da quantificação de muita coisa em detrimento da qualificação de alguma coisa não poderá sobreviver muito tempo, porque para nós, creio, e creio que desde sempre, a consciência de ser não suporta ser vivida com insustentável leveza.

